

Morte e Renascimento

Sexto livro de poemas de Renato Rezende, *Ímpar* recebeu o prêmio Alphonsus de Guimaraens, concedido pela Biblioteca Nacional

Fernando Marques
(*Pensar*, Correio Braziliense, 18/03/2006)

Para descrever a poesia descarnada e mística de Renato Rezende, escritor paulista radicado no Rio de Janeiro, deve-se lembrar o livro que publicou há quatro anos, chamado *Passeio*, anterior ao novo *Ímpar*, volume lançado recentemente. O leitor há de desculpar a auto-referência que faço a seguir, mas ela aqui pode ser útil para tentarmos entender a poesia despojada de adereços que Renato vêm compondo.

Fiz a resenha de *Passeio* na época e, a certa altura, dizia que nele “a aparente simplicidade despe a linguagem, buscando as palavras essências”. Essas palavras se fazem essenciais ao exprimir “estados de espírito que oscilam entre as ‘duas águas’ de que fala um dos poemas”. A imagem das duas águas – uma delas clara e exterior, outra densa e íntima – revela-se como eixo temático de *Passeio*. “Há em mim/ uma tensão entre tais águas/ que não se mesclam”, confia o poeta.

Pois é: o novo livro, *Ímpar*, volta a aludir às fraturas sociais e metafísicas às quais estamos expostos, embora desta vez os textos não apresentem metáfora tão sintética e eloqüente como a da divisão das águas, que ressalta no livro anterior. *Ímpar*, de fato, é mais lacônico e fragmentário, mas tem como roteiro as mesmas perplexidades de *Passeio*.

A primeira das setes breves seções de *Ímpar* chama-se “Plano de desaparecimento” e lança, de cara, um dos motes a serem desenvolvidos em

vários dos demais poemas, de modo às vezes epigramático: deve-se saber morrer simbolicamente para que se possa renascer, numa espécie de ascese pela renúncia a “todas as coisas” acessíveis aos cinco sentidos. Projeto místico, sem dúvida, como nota Alberto Pucheu no texto de apresentação do livro.

A figura supostamente sombria da morte surge sob outras feições, diferentes das usuais, num poema como “Águas” (o título não será mera coincidência com a imagem citada há pouco). O escritor parece apenas constatar o que se dá com todas as pessoas, ao fim dos dias: “Nada passado pelas retinas,/ ou pelos ouvidos, degustado,/ nada escrito,/ *nenhum sentido*/ terá serventia”.

Em momentos como esse, os versos em geral curtos de *Ímpar* falam do desejo de incorporar à vida cotidiana os dons assustadores da morte – que ao mesmo tempo sugerem o perpétuo renovar-se. Morremos em perfeita saúde. Como fica indicado noutro texto, este em prosa, intitulado “Alhures”: “Essa é a vida que acabou, como alguém que sai do rio, levanta-se na margem sozinho, dá adeus e dirige-se para as montanhas azuis, lá no fundo”.

Nesse mesmo texto, o poeta admite: “Aparentemente, nada mudou: corpo, cidade, linguagem”. Mas vislumbra o êxtase possível: “A vida que começa é a vida de uma máscara vazia. Não, vazia não: um infinito repleto de luz”. Páginas antes, de maneira concisa e cética, perguntara em “Oco”: “eu não sou o corpo físico;/ sou o ar que respiro?”

Mas somos sim, o nosso “corpo físico”, à revelia do que digam as religiões todas e os mais altos místicos. Nessa linha, o outro pólo de *Ímpar* é justamente o da carne – considerada inclusive em seus aspectos torpes. Um pouco na tradição de uso da escatologia que se afirma a partir de Baudelaire, alguns poemas assinalam os dejetos e o fétido, com vista a dar imagem mais

honestas dos corpos: “As pessoas também são intestinos”. Já em chave menos cáustica, lê-se o conselho pelo qual se deve buscar o infinito em nossos próprios sentidos limitados, em poema bem significativamente chamado “Encontro”.

O que resulta da aspiração pelo etéreo em contraste com a descida aos confins do corpo? Pucheu antecipou a provável resposta na apresentação: divisa-se o contato, a síntese, o laço entre os extremos, ou pelo menos se pretende achá-los. Unem-se os deveres miúdos do dia-a-dia à ascese espiritual, o corpo e seus mecanismos frágeis à crença numa hoje desmoralizada, mas sempre sedutora idéia de imortalidade.

O projeto existencial que se evidencia nos poemas de *Ímpar* corresponde às formas descarnadas e diretas que exibem: textos breves, palavras coloquiais, rimas discretas. O pressuposto de que a poesia mais digna do nome pode achar-se, até, em meio aos restos da vida comum leva o escritor a poetizar o trivial, numa espécie de mística sustentada em plena paisagem urbana. O perigo é o de cair na banalidade pura e simples, deslize que eventualmente ocorria em *Passeio* e volta a acontecer em certos momentos do novo livro.

No entanto, diga-se: a natureza essencial dos temas e a elegância com que se recortam diversos textos recomendam *Ímpar*, sexto volume de poemas do autor. Efeitos de crítica social, embora sutis, também se lêem aqui. A sorte difícil de alguns, abordada em “Serviço de utilidade pública” (trata-se de uma lista de pessoas desaparecidas, relacionadas sem ênfase), conflita com a excessiva estetização dos ambientes contemporâneos, fixada em “Olho”. Cercado de estímulos na feira moderna, o poeta percebe: “De repente,/ no meio do shopping/ o impulso natural,/ o súbito desejo/ de ficar cego”. Em seus melhores aspectos, um livro inquieto e lúcido.

